

Funaro promete nunca mais recorrer ao FMI

BRASILIA — “Se Deus quiser, nunca mais o Brasil precisará recorrer ao Fundo Monetário Internacional”. Ao pronunciar esta frase, ontem, na sala da Comissão de Serviço Público do Senado, o Ministro da Fazenda, Dilson Funaro, recebeu muitos aplausos dos Senadores que ouviam sua exposição sobre o andamento das negociações do Governo com os credores Brasileiros e o novo pacote econômico, ao lado do Ministro do Planejamento, João Sadya.

O Senador Carlos Chiarelli (PFL/RS) perguntou a Funaro se o programa econômico anunciado ontem pelo Presidente José Sarney atendia às exigências do FMI e dos bancos internacionais. O Ministro resolveu então dar uma vi-sao panorâmica das exigências dos credores.

Disse que seu primeiro contato com o FMI foi extremamente difícil. Um assessor do Diretor-Gerente do Fundo, Jacques de Larosiére, chegou a enumerar a Funaro “uma série de metas impossíveis de atingir”, como a elevação de 60 por cento na carga tributária para os assalariados.

O Ministro afirmou que na primeira conversa com Larosiére já tinha dito que o Brasil não aceitava qualquer tipo de acordo Stand by (com a imposição de metas econômicas), argumentando que o “povo brasileiro já tinha pago em excesso pelos desajustamentos da economia internacional”.

Na reunião do Fundo em Seul,

“Não pretendemos formar um clube de devedores mas também não podemos aceitar a existência de um cartel de credores”

“Nós não estamos precisando de dinheiro, então não precisamos de qualquer condicionalidade”

“Conto com um forte cacife nestas negociações, o apoio de 135 milhões de brasileiros”



Ministro Dilson Funaro

Coréia do Sul, em outubro passado, o panorama continuava o mesmo. Funaro lembrou que naquele encontro o Secretário do Tesouro Americano, James Baker III, e o Presidente da Reserva Federal, Paul Volcker, deixaram claro que o Brasil não teria chances de fazer um acordo com os bancos credores sem antes acertar um programa com o Fundo Monetário. Na mesma época, o Presidente do Banco Central, Fernão Bracher, mantinha contatos com 14 bancos credores que faziam a mesma exigência.

O Ministro da Fazenda contou ter dado a Baker e Volcker a seguinte resposta:

— Nós não estamos precisando de dinheiro, então não precisa-

mos de qualquer condicionalidade.

Acrescentou ainda ter perdido a confiança nas instituições que regem o sistema financeiro internacional por causa dos mandos e desmandos dos países ricos:

— Não pretendemos formar um clube de devedores (disse aos Senadores, referindo-se às outras nações da América Latina), mas também não podemos aceitar a existência de um cartel dos credores, que já está acontecendo.

Foi depois deste episódio que, segundo Funaro, James Baker resolveu telefonar chamando-o para conversar, no último fim de semana, em Washington, sobre seu plano de retomada de em-

préstimos aos países em desenvolvimento. O programa prevê créditos de US\$ 29 bilhões, nos próximos três anos (US\$ 20 bilhões dos bancos e US\$ 9 bilhões de instituições financeiras com o FMI e o Banco Mundial).

— Em termos de condicionalidades, o Brasil vai muito bem, disse Baker, na semana passada, conforme o relato do Ministro aos Senadores. O Secretário apresentou a Funaro três condições para que o Brasil tenha acesso a estes novos empréstimos, duas das quais estabelecem a abertura do comércio exterior, com liberdade total de exportações, inclusive na área de informática, e privatização da economia. O Ministro não disse qual é a terceira condição.